

Define-se como "um cidadão feroz". Refugia-se no silêncio de um apartamento na Costa de Caparica. Contempla o mar, trabalha horas a fio. Desinteressa-se, às vezes, da escrita. Viaja pelo Mundo. Visita Lisboa, noite dentro, entre amigos e bares habituais. Conversar é, para ele, um exercício de estilo. Cativante. Os últimos anos consagraram-no como o escritor mais lido em Portugal, ao lado de José Saramago. Desde "Dinossauro Excelentíssimo" até ao recente "Alexandra Alpha", José Cardoso Pires percorre um trajecto único na literatura portuguesa de hoje. Ainda em Lisboa, onde o visitámos, José Cardoso Pires fala de si, das suas histórias.

Gostava de ser *barman* ou ajudante de cozinha

JOSÉ CARDOSO PIRES

A BALADA DE UM ESCRITOR PLENO

A lenha queima lentamente na lareira da sala. Lá fora ouvem-se vozes de crianças brincando no jardim da igreja, fronteira à casa de José Cardoso Pires. Em tempos os noivos batiam à porta do escritor para posarem frente à vivenda, entre arvoredo. O último reduto lisboeta do autor de "Balada da Praia dos Caës" e do recente "Alexandra Alpha": "Sou um cidadão feroz. Vivi em Londres, no Rio de Janeiro. Adoro Barcelona e Nova Iorque. Lisboa está uma cidade desinteressante. Desagrada-me cada vez mais. Tem todos os defeitos das aldeias e nenhuma qualidade das grandes cidades." José Cardoso Pires justifica, assim, o pouco tempo que passa na casa do bairro de Alvalade. Prefere "a janela para o mar" que

possui na Costa de Caparica. Lá, isola-se e trabalha.

"Lisboa dos Pequeninos"

Lisboa motiva o escritor para a conversa. "Lisboa está a ser assassinada alegremente por um provincianismo cosmopolita.

"A cidade está submetida ao improviso arrogante, ao novo-riquismo cultural. É uma cidade deitada aos ratos." Homem da cidade, Cardoso Pires sofre com a derrocada da capital, antes prisioneira de um poder autocrático, hoje enfeitada por políticos ineficazes. "O modelo da Lisboa de hoje é o Portugal dos Pequeninos ou aquela coisa asquerosa chamada Páteo Alfacinha. É a mediocridade instalada."

Mudando de assunto. Fa-

lando do fazedor de histórias. Do escritor que — com José Saramago, Herberto Helder e poucos mais — consegue viver exclusivamente do trabalho literário. Os seus romances atingiram tiragens únicas no mercado português. A "Balada" vai em 130 000 exemplares vendidos, "O Delfim" terá sido comprado por cerca de 60 000 leitores, enquanto "Alexandra Alpha", dado à estampa há escassas semanas, já conta com 45 000 cópias facturadas. Estes números não abalam, contudo, Cardoso Pires. "Tenho um desconhecimento total do meu público. Sei quantas pessoas compraram este ou aquele livro. Apenas." O escritor fala calmamente. Fuma, tira os cigarros de uma embalagem grande, bebe um trago de *whisky*. As pa-

lavras saem-lhe com evidente prazer.

Pedradas e público

"Cada vez que escrevo um livro é como se começasse uma vida. A pior altura, para mim, é depois de publicar. Fico no vácuo. Sinto-me desinteressado de pegar tão cedo na escrita." O cansaço da gestação permanece por tempo indefinido. As dores de parto afligem. "O que mais detesto é ler uma coisa que escrevi e pensar: já li isto em qualquer lado! Se foi uma coisa que eu já escrevi é horroroso. Copiar-nos a nós próprios é o pior que pode acontecer!"

Lido por um público cada vez mais vasto, com edições traduzidas em diversas línguas, Cardoso Pires não é tocado pelo fenómeno da po-

pularidade. Não transige, não pensa no público enquanto escreve. "Quem corre atrás do público leva pedradas."

Se não fosse escritor gostava de ser *barman*, talvez jornalista, de certeza ajudante de cozinha. "Gosto muito de cozinhar. Mas só sei fazer quatro pratos! O que eu gosto é de estar a ajudar um grande cozinheiro. Por exemplo, com o Luís Sttau Monteiro fazia isto: entrávamos na cozinha às oito da manhã e até às duas da tarde não parávamos. Eram horas de convívio que não queira saber!"

Bomba no bolo da noiva

De novo a escrita. O desafio de construir uma história, inventar personagens,

deixar que elas tomem conta do autor, o surpreendam. "Há personagens que do princípio ao fim do livro não querem nada comigo. Quando não querem mesmo nada largo-as. Mato-as".

José Cardoso Pires divaga apetecivelmente. Lembra-se de coisas. Imagens. A vida de viajante dá-lhe surpresas felizes. Memórias daqui. Dali. Por exemplo, o escritor adora falar de casamentos que viu, mesmo ali frente à sua janela. "Achei sempre os casamentos dramáticos. Dantes gostava muito de os ver. Vi coisas divertidas, outras dramáticas. Mas — sabe? — sempre sonhei com uma bomba no bolo da noiva. daquelas pequeninas que assustassem o festival. É um sonho de miúdo!"

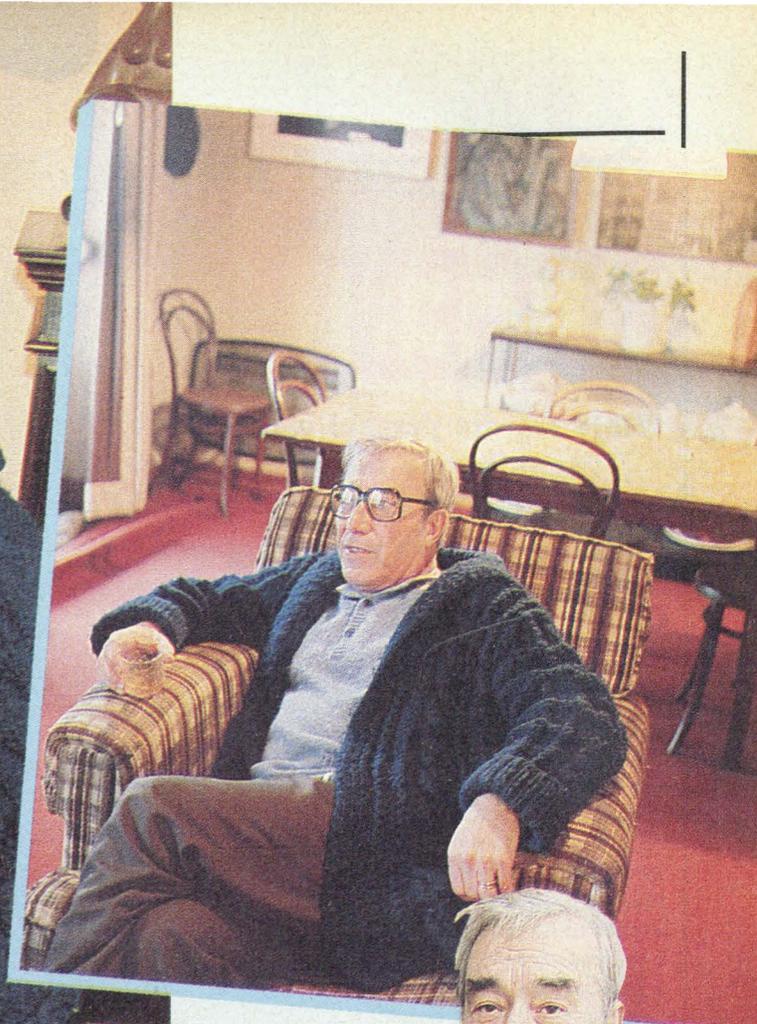
Cada escritor tem as suas obsessões. O autor de "A

Cartilha do Marialva" também. "Tenho a ambição de um dia escrever uma telenovela. Não para ser feita. Apenas para me divertir com o ritmo, com as personagens. Podia introduzir o conceito de romantismo, fazer um divertimento sórdido, negro."

Gostar de mulheres

E as mulheres? "Falou de mulheres... Na minha experiência encontrei sempre mais coragem, sentido prático, nas mulheres do que nos homens. Não falo pelo facto de gostar de mulheres! O processo do homem é muito mais pobre do que o das mulheres. O homem nunca sabe a altura exacta em que mudou de idade. Na

mulher é tudo dramático. A primeira menstruação, o desfloramento por amor, o parto, tudo isso faz com que ela tenha uma capacidade de resistência maior. As mulheres interessam-me por este lado. Há tempos, a Clara Ferreira Alves — jornalista — descobriu que eu estou sempre a falar de sexo. Nunca me tinha passado pela cabeça!"



"Tenho a ambição de escrever uma telenovela! Por divertimento sórdido!"

